

Vera Rodrigues*

Três momentos na tradição de comentário aos *Tractatus* de Pedro Hispano

Three moments in the tradition of commentary on Pedro Hispano's *Tractatus*

Abstract

Pedro Hispano's *Tractatus* (or *Summulae logicales*), often accompanied by his *Syncategoreumata*, experienced an extraordinary textual transmission from the 13th century to the 16th century and the beginning of modern times. Whether in their entirety or, more often than not, with different clippings, the *Tractatus* have been the subject of a commentary tradition of which a large hundred commentaries have been identified. We propose here an outline of this tradition, centred on three major moments: 1. The first diffusion; 2. The Italian diffusion, in the convergence of British and Parisian logical-philosophical influences (namely Buridan and the nominalist tradition); 3. The long 15th century (14th^{ex}-16thⁱⁿ) and the commentaries of the newly founded universities of central Europe.

Keywords: Peter of Spain/Petrus Hispanus, *Tractatus*, *Summulae logicales*, logical commentaries

Resumo

Os *Tractatus* (ou *Summulae logicales*) de Pedro Hispano, frequentemente acompanhados pelos seus

* Investigadora integrada do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto; email: verarvarjota@gmail.com. A investigação de base deste estudo foi conduzida no âmbito do projecto *Critical Edition and Study of the Works Attributed to Petrus Hispanus* (Ref. PTDC/MHC-FIL 0216/2014 – IP J.F. Meirinhos), e do trabalho que aí me coube desenvolver na preparação do *Census commentatorum et commentatorum Petri Hispani* (coord. J.F. Meirinhos – doravante citado como *Census*), em cuja mole de informação se apoia este texto. Esse *Census commentatorum*, em preparação, teve como primeira base os manuscritos com comentários descritos em J.F. Meirinhos, *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani: os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano*, FCG-FCT, Lisboa 2011 (doravante referido como *BMPH*). Um estudo mais sistemático e pormenorizado desta tradição comentarística aparecerá em breve no meu estudo «The Setting of Petrus Hispanus' *Tractatus* (*Summulae logicales*) and its influence».

Syncategoremata, conheceram uma extraordinária transmissão textual que, do séc. XIII, se estendeu até ao séc. XVI e ao início da modernidade. Quer na sua totalidade quer, mais amiúde, com recortes diversos, os *Tractatus* foram objecto de uma tradição comentarística da qual se contam já uma larga centena de comentários. Propomos aqui um esboço dessa tradição, destacando três grandes momentos: 1. A primeira difusão; 2. A difusão italiana, na convergência das influências lógico-filosóficas britânica e parisiense (nomeadamente Buridano e a tradição nominalista); 3. O longo século XV (XIV^{ex}-XVI^{im}) e os comentários das universidades recém-fundadas da Europa central.

Palavras-chave: Pedro Hispano/Petrus Hispanus, *Tractatus*, *Summulae logicales*, comentários lógicos.

De entre o vasto conjunto de obras atribuídas a Petrus Hispanus / Pedro Hispano¹, a obra lógica é certamente a que teve mais ampla e prolongada influência. Ela consiste em duas obras, que conheceram uma difusão desigual: os *Tractatus*, ou *Summulae logicales*, como mais tarde seriam sobretudo designados, e os *Syncategoremata*².

Como indicam os seus títulos, estas obras inscrevem-se na tradição terminista que, à *logica vetus* aristotélico-boeciana, completada nos *Tractatus* com alguns dos desenvolvimentos lógicos das escolas de Paris na segunda metade do século XII, se prolonga na segunda obra pela análise lógica dos termos sincategoremáticos – isto é, consignificantes, como é o caso das proposições e conjunções, por um lado, e do verbo substantivo enquanto cópula, por outro, alterando desse modo o valor de verdade das proposições – e das suas propriedades lógicas em contexto proposicional³. Deste desenvolvimento especificamente medieval da lógica re-

¹ A atribuição a Pedro Hispano é constante nos manuscritos; sobre a identidade de Pedro Hispano, ver J. F. Meirinhos, «Petrus Hispanus Portugalensis? Elementos para uma diferenciação de autores», *Revista Española de Filosofía Medieval* 3 (1996) 51-76; A. d'Ors, «Petrus Hispanus, O.P., auctor Summularum (I)», *Vivarium* 35 (1997) 21-71 e Id., «Petrus Hispanus, O.P., auctor Summularum (II): Further Documents and Problems», *Vivarium* 39 (2001) 209-254. Informação geral sobre o autor (ou autores), fontes, obras, manuscritos e bibliografia encontra-se no website de J.F. Meirinhos, *Petrus Hispanus, saec. XIII*: <https://ifilosofia.up.pt/proj/ph/>.

² As edições de referência são hoje as de L. M. de Rijk, *Peter of Spain. Tractatus called afterwards Summule Logicales*. First Critical Edition from the Manuscripts with an Introduction by L.M. De Rijk, van Gorcum, Assen 1972; *Peter of Spain (Petrus Hispanus Portucalensis), Syncategoremata*, critical edition with an Introduction and Indexes by L.M. de Rijk, with an English Translation by Joke Spruyt, Brill, Leiden – Köln – New York 1992. Sobre a transmissão manuscrita destas e das restantes obras atribuídas a Pedro Hispano, cf. Meirinhos, *Bibliotheca manuscripta Petri Hispani*, cit. e Id., «As obras atribuídas a Pedro Hispano», in Meirinhos, *Estudos de Filosofia Medieval*, Porto Alegre 2007, pp. 151-161.

³ Nomeadamente, no que diz respeito aos sincategoremata, às suas funções de determinação das partes categoremáticas, cf. J. F. Meirinhos, «A lógica em Pedro Hispano», in Id., *Estudos*, cit.,

sultarão alguns dos frutos lógico-filosóficos mais originais do período medieval e do início da modernidade, como o testemunha, por exemplo, a literatura dos *insolubilia*, dos *sophismata*, das *obligationes* e, em estreita articulação com estes, a emergência da teoria medieval da consequência⁴.

Compostas, tudo o indica, na primeira metade do século XIII, as duas obras lógicas de Pedro Hispano respondiam ao *desideratum* da tradição sumulista, então florescente, de reunir em manuais os conteúdos, *veterum e modernorum*, do ensino da lógica, concebidos como introdução às obras lógicas de Aristóteles⁵. Ao mesmo género pertencem os dois outros grandes manuais da época, o de Guilherme de Sherwood, mestre de lógica em Paris entre 1235 e 1250 (e que compôs igualmente um tratado sobre os sincategoremas) e a *Logica* de Lamberto de Auxerre, ou ainda as *Summulae dialectices* de Rogério Bacon.

De composição posterior⁶, os *Syncategoreumata* tiveram uma circulação manuscrita bastante dependente da dos *Tractatus*, com os quais circulam na quase totalidade dos manuscritos, e deles conhece-se apenas um par de comentários em dois manuscritos conservados em Munique e Cracóvia, datados respectivamente dos séculos XIV e XV (no mais recente, acompanhando as secções dos *Tractatus* consagradas aos *loci* ou tópicos e às falácias)⁷. Já os *Tractatus* tiveram uma

p. 164; veja-se ainda E. J. Ashworth, «Terminist Logic», in R. Pasnau – Ch. V. Dyke (ed.), *The Cambridge History of Medieval Philosophy*, vol. 1, C.U.P., Cambridge 2010, 146 e J. Spruyt, «Syncategoremata», in H. Lagerlund (ed.), *Encyclopedia of Medieval Philosophy*, Springer, Dordrecht 2011, pp. 1241-1245.

4 Cf. E. J. Ashworth, «Terminist Logic», cit., pp.146-158 e G. Klima, «Consequence», in C. Dutilh-Novaes – St. Read (ed.), *The Cambridge Companion to Medieval Logic*, C.U.P., Cambridge 2017, pp. 316-341, bem como os estudos reunidos em M. Yrjönsuuri (ed.), *Medieval Formal Logic. Obligations, Insolubles and Consequences*, Kluwer, Dordrecht-Boston-London 2001 e J. Archambault (ed.), *Consequences in Medieval Logic*, *Vivarium* 56 (2018).

5 Pertenciam à *logica vetus* os cinco primeiros tratados (I-V), dedicados respectivamente à proposição, predicação, categorias, silogismo e tópicos, assim como o das falácias (VI) – à excepção dos *Segundos Analíticos*; à lógica dos *moderni* ou *terministi* pertenciam os *parva logicalia*, i.e., os tratados relativos à suposição (V), aos relativos, à ampliação, apelação, restrição e distribuição, aos quais, a partir de meados do séc. XIV, se associava muitas vezes um *De exponibilibus* (de Rijk, «Introduction», in de Rijk (ed.), *Peter of Spain*, cit., pp. xcix e xlvi-liv sobre a ordem dos tratados).

6 Conforme remissão do autor em *Syncat.*, V, *de consecutivis*, 10, 204 –, curiosamente, no âmbito do tratamento de «*si*», para a rúbrica sobre a falácia do consequente exposta em *Tractatus*, VII (*de falaciis*).

7 Mss. Sankt Florian, Bibliothek der Augustiner-Chorherrenstift, (Stiftsbibliothek) XI. 587, séc. XIII e XIV (BMPH, n° 652), seguido dos *Segundos Analíticos* de Aristóteles e outro material dialéctico; e ms. Munique, Bayerische Staatsbibliothek, lat. 14647, datado do séc. XV (BMPH,

transmissão textual a todos os títulos extraordinária, do sul de França (ou norte de Espanha), onde terão sido compostos, até aos confins da Europa e do Novo Mundo. Essa transmissão fez-se acompanhar por uma tradição comentarística de amplitude equivalente, contando para já, com uma larga centena de glosas e comentários, a maioria deles inteiramente inéditos, no inventário sempre em aumento publicado por J. F. Meirinhos e quase inteiramente por estudar⁸. Sobre o contributo da obra lógica de Pedro Hispano para o desenvolvimento da doutrina medieval dos termos, e para o desenvolvimento da filosofia da lógica em particular, têm sido apontados aspectos particulares relativos às suas doutrinas da *suppositio* e da *appellatio* e às metamorfoses que sofreram até ao início da modernidade (sobretudo a partir do momento em que a *appellatio* se torna uma noção central da semântica de Buridano, como o será ainda na lógica do séc. XVI)⁹. Apenas um estudo sistemático da longa tradição comentarística dos *Tractatus* – inteiramente por fazer – permitirá compreender melhor e mais precisamente o alcance lógico-filosófico e a versatilidade teórica e pedagógica desta obra lógica. É dessa tradição textual que, numa primeira tentativa de abordagem, destacarei aqui três momentos, de que procurarei traçar sucintamente os contornos à luz do estado da arte¹⁰ – e, ao mesmo tempo, colocar em evidência alguns dos seus aspectos lógico-filosóficos mais relevantes no contexto do desenvolvimento da lógica medieval, sobretudo nas suas articulações com a teologia e a filosofia natural (e, em última instância, com a emergência da ciência moderna), que terão contribuído para, e mesmo sustentado, uma tal difusão.

1. A primeira difusão

Ainda que a atribuição seja constante nos manuscritos, a identidade do autor, Pedro Hispano, permanece rodeada de obscuridade. As fontes dos *Tractatus* são

nº 441); em muitos mss. o texto dos *Synkategoreumata* é acompanhado por glosas extensas, frequentemente acerca do consecutivo si (e.g., mss *BMPH*, nºs 268, 469, etc).

⁸ A lista de comentários encontra-se disponível em https://ifilosofia.up.pt/proj/ph/commentaria_tractatum.

⁹ H. Lagerlund, «Trends in Logic and Logical Theory», in H. Lagerlund – B. Hill (ed.), *Routledge Companion to Sixteenth-Century Philosophy*, Routledge, Abington 2017, p. 113; sobre o contributo da obra lógica para a doutrina especificamente medieval das propriedades dos termos, ver G. Klima, «Peter of Spain», in J. Gracia – T. Noon (ed.), *A Companion to Philosophy in the Middle Ages*, Blackwell, Oxford – Melbourne – Berlin 2003, pp. 526-531.

¹⁰ Deixarei aqui de lado a importante tradição hebraica dos *Tractatus*, sobre a qual ver Charles H. Manekin, «Scholastic Logic and the Jews», *Bulletin de philosophie médiévale* 41 (1999) 123-147.

características do meio parisiense¹¹, embora um conjunto de indícios sugira uma composição meridional, do norte da Espanha ou provavelmente do sul de França, talvez da região de Montpellier, de onde, segundo de Rijk e numa tese que convém redimensionar, parecem ser originários os primeiros comentários¹².

As datações propostas por de Rijk para a composição tanto dos *Tractatus* (com um *terminus ab quem* marcado pela entrada no apogeu do modismo, entre 1240-70)¹³, como dos primeiros comentários, parecem hoje indefensáveis e com tendência para revisão em baixa. De acordo com a última datação, proposta por Ebbesen, os *Tractatus* teriam sido compostos entre 1220 e 1250¹⁴. O mesmo quanto às datações das primeiras glosas e comentários: a glosa *Cum a facilioribus* (I-VII), datada por de Rijk da década de 40, e que esteve na origem de uma importante tradição hebraica, parece ter de ser pós-datada¹⁵, e possivelmente também a glosa *Omnes homines*, de origem meridional, que circula na Faculdade de Artes em Paris na segunda metade do século¹⁶. Também a composição do comentário de Guilherme Arnaldi, provavelmente mestre de artes em Toulouse entre 1295-1300 e igualmente datada por de Rijk da década de 40 deverá, segundo Ebbesen, situar-se entre os anos 1270 e 1300¹⁷. Enfim, as duas versões, ditas de Todi e do Vaticano¹⁸, de um mesmo comentário, que de Rijk atribuía a um Roberto Ânglico, de origem britânica e mestre em Montpellier nos primeiros anos da década de 1240, correspondem na realidade a dois comentários compostos na região de Montpellier na década de 60 ou 70 por dois autores contemporâneos distintos, dependendo também de fontes parisienses – distanciando-se embora de Pedro Hispano em aspectos

¹¹ De Rijk, «Introduction», cit., pp. lxvii-lxxxviii.

¹² De Rijk, «Introduction», cit., pp. lv-lxi.

¹³ Entre 1230-35: de Rijk, «Introduction», cit., pp. lv-lxi; e entre 1235-45, na introdução à sua edição dos *Syncategoreumata*, p. 9 (dez anos posterior à edição dos *Tractatus*).

¹⁴ S. Ebbesen, «Early Supposition Theory II», in E. P. Bos (ed.), *Medieval Supposition Theory Revisited*, Brill, Leiden – Boston 2013, p. 69.

¹⁵ L. M. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales*, V (Conclusion)», *Vivarium* 8 (1970) 8; Manekin, «Scholastic Logic», cit., pp. 126-127.

¹⁶ Cf. de Rijk, «On the Genuine...V», cit., 33-38, com edição de alguns excertos.

¹⁷ L. M. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* IV: The *Lectura Tractatum* by Guillelmus Arnaldi, Master of Arts at Toulouse (1235-44)», *Vivarium* 7 (1969) 120-162, que edita largas porções do texto, pp. 130-159; S. Ebbesen, «Medieval Latin Glosses and Commentaries on Aristotelian Logical Texts of the Twelfth and Thirteenth Century», in Ch. Burnett (ed.), *Glosses and Commentaries on Aristotelian Logical Texts. The Syriac, Arabic and in Latin Tradition*, The Warburg Institute, London 1993, pp. 129-177, esp. pp. 166-170.

¹⁸ L. M. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* III: Two Redactions of a Commentary on the *Summule* by Robertus Anglicus», *Vivarium* 7 (1969) 8-61, esp. pp. 37-39.

tidos como representativos precisamente da divergência entre lógica continental e inglesa, nomeadamente quanto à equivocidade, à suposição natural e à ampliação e restrição da significação¹⁹.

Entre estes comentários seria de incluir, por último, o comentário de Simão de Faversham (ca. 1260 – 1306)²⁰, mestre em Oxford e, nos anos 1280, em Paris, comentador de Aristóteles e iniciador de uma leitura modista dos *Tractatus*, caracterizada pela restrição aos primeiros cinco tratados, uma espécie de «lógica aristotélico-boeciana de bolso» que se terá expandido para as universidades italianas²¹.

A estes testemunhos acrescem as muitas glosas inéditas datadas de finais do séc. XIII e inícios do século XIV. A «hipótese dominicana» da identidade deste Pedro Hispano, com base nas indicações de alguns manuscritos, tem sido invocada para explicar esta extraordinária difusão manuscrita e a tão precoce produção de glosas e comentários. Os dominicanos tinham nessa época uma forte implantação no sul de França, e a adopção dos *Tractatus* pela *ratio studiorum* dominicana (1259) assegurou-lhes a disseminação pelas novas fundações da ordem por toda a Europa meridional²².

¹⁹ Cf. de Rijk, «Introduction» à sua edição dos *Tractatus*, pp. lxxxiv-lxxxviii; I. Rosier-Catach – S. Ebbesen, «Two Roberts and Peter of Spain. Excerpts from the Vatican and Todi Commentaries», *CIMAGL*, 67 (1997) 200-288 e S. Ebbesen-I. Rosier-Catach, «Robertus Anglicus on Peter of Spain», in I. Angelelli – P. Pérez-Ilzarbe (ed.), *Medieval and Renaissance Logic in Spain. Acts of the 12th European Symposium on medieval logic and semantics, held at the University of Navarre (Pamplona, 26-30 May 1997)*, G. Olms, Hildesheim 2000, pp. 61-95.

²⁰ Cf. de Rijk, «On the Genuine Text of Peter of Spain's *Summule logicales* II: Simon of Faversham», *Vivarium* 6 (1968) 69-101. A atribuição a Simão de Faversham tem vindo a ser posta em dúvida; sobre as grandes diferenças entre os manuscritos, e também sobre semelhanças textuais e doutrinárias, veja-se Antonino Tinè, *Il commento di Simone di Faversham al De praedicabilis di Pietro Hispano (Tractatus II), con introduzione*, Istituto Dipartimentale di Studi Antichi e Tardo-Antichi. Sezione Filosofica, Catania 1983; cf. também Marmo, «The Semantics of the Modistae», in S. Ebbesen – R. L. Friedman (eds), *Medieval Analyses in Language and Cognition*, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, Copenhagen 1999, pp. 83-104; *Census*, «Simão de Faversham».

²¹ A expressão é de J. Brumberg-Chaumont, «L'histoire de la logique au prisme des pratiques: une version tronquée, non terministe, des *Tractatus* de Pierre d'Espagne comme 'logique aristotélicienne de poche'», comunicação apresentada ao *Third Symposium Petrinicum. Petrus Hispanus on Cognito et Experientia: Theories and Practices in Context*, Max Planck Institute, Berlim, 19-20 set. 2019, org. J. F. Meirinhos e Katja Krause; e, igualmente de J. Brumberg-Chaumont, «III. L'enseignement de la logique élémentaire à un niveau 'secondaire': la *logica modernorum*, les *Tractatus* (tronqués) et la logique pour les enfants», in Ead., *À l'école de la logique. Logique, éducation et société au Moyen Âge*, Garnier, Paris (no prelo; agradeço cordialmente a Julie a generosa comunicação de ambos os manuscritos).

²² Cf. Brumberg-Chaumont, «L'enseignement de la logique», cit.; Maierù, «I commenti», cit., p.

Começou provavelmente cedo essa dupla existência pedagógica dos *Tractatus*, simultaneamente um pré-requisito aos estudos de lógica, e uma parte do próprio programa de lógica²³ – desdobramento que se verificaria desde logo na sua utilização mais elementar nas escolas monásticas e, a um nível mais aprofundado, nas universidades, e que se reflete por sua vez na tradição de glosa e comentário. De resto, importa moderar a severidade historiográfica de que tem sido objecto esta tradição sumulista e os *Tractatus* em particular: como observa S. Uckelman, é precisamente nessa tradição que vamos encontrar «as sementes dos desenvolvimentos lógicos não aristotélicos» que se tornariam tão importantes no séc. XIV, como testemunham não só as próprias *summulae*, como os tratados mais específicos dedicados aos *sophismata*, *insolubilia*, *sincategoremata* e *obligationes*²⁴ e, a partir dos primeiros anos do século XIV em Inglaterra, os autónomos *de consequentia*²⁵.

Por outro lado, se a hipótese de um *Paris – Oxford split* na origem e desenvolvimento precoce de duas orientações diferentes da lógica medieval, avançada precisamente na sequência da edição crítica dos *Tractatus*, encontra hoje cada vez menos suporte²⁶, e as diferenças de géneros na literatura da época parecem corresponder sobretudo a diferentes formas de organização curricular e de práticas didácticas²⁷, esta primeira fase da tradição comentarística dos *Tractatus*, onde

501, n. 23 e Id., «Tecniche di insegnamento», in *Le scuole degli ordini mendicanti* (séc. XIII-XIV), Accademia Tudertina, Todi 1978, p. 321.

²³ Brumberg-Chamont, «L’histoire de la logique au prisme des pratiques», cit.

²⁴ S. L. Uckelman – H. Lagerlund, «Logic in the Latin Thirteenth Century», in Dutilh-Novaes – Read, *Medieval Logic*, cit., p. 121.

²⁵ Cf. N. J. Green-Pedersen, «Early British Treatises on Consequences», in P. O. Lewry (ed.), *The Rise of British Logic*, P.I.M.S., Toronto 1983, pp. 285-307 e Id., «Walter Burley, *De consequentiis* and the Origin of the Theory of Consequence», in H. A. G. Braakhuis – C. H. J. M. Kneepkens – L.M. De Rijk (ed.), *English Logic and Semantics, from the End of the Twelfth Century to the Time of Ockham and Burleigh*, Brepols, Turnhout 1979, pp. 279-304.

²⁶ O autor da expressão é A. de Libera, «The Oxford and Paris Traditions in Logic», in N. Kretmann – A. Kenny – J. Pinborg – E. Stump (ed.), *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*, C.U.P., Cambridge 1982, p. 175 – posição da qual se distancia numa conferência pronunciada no Collège de France, no âmbito do projecto *L’Europe de la logique* dirigido por J. Brumberg-Chaumont (acessível aqui: <https://www.college-de-france.fr/fr/agenda/colloque/europe-de-la-logique/introduction-europe-de-la-logique>) e, novamente, com I. Rosier-Catach (a quem agradeço a comunicação privada do texto), no *22nd European Symposium for Medieval Logic and Semantics* que teve lugar em Düsseldorf, 25-29 jun. 2018 e que teve precisamente como tema *Language, Thought, and Reality: The Continental and British Traditions of Medieval Logic Revisited*, de que se espera para breve a publicação das actas.

²⁷ Assim, por exemplo, Green-Pedersen, «Early British», cit., p. 291, relativiza a origem inglesa do

tanto está ainda por estudar, conserva toda a sua importância não apenas pelo testemunho que presta das discussões entre modismo e terminismo, quanto, ainda, das próprias divergências internas do próprio terminismo. Ao invés de um *split*, o que a tradição comentarística dos *Tractatus* mostra é uma grande confluência de ordens, escolas, orientações, doutrinas as mais diversas, no âmbito vasto dos aristotelismos medievais, e é também esse lugar único que ocupa que acresce ao interesse do seu estudo.

2. A difusão italiana

A difusão italiana foi igualmente muito precoce, como testemunha a transmissão manuscrita e as glosas e comentários conservados²⁸. Mais uma vez, a ordem dominicana terá representado um importante veículo de transmissão, tendo provavelmente desenvolvido uma tradição comentarística autónoma. Basta referir o comentário (aos *Tract.* I-V) do dominicano Filipe de Ferrara, anterior a 1335²⁹.

O vector dominicano de difusão foi certamente acompanhado por uma prática universitária de ensino muito anterior à sua codificação nos estatutos de 1405 da Universidade de medicina e artes de Bolonha, que prescrevem o ensino dos seis *Tractatus*, acrescentando-lhe um *De fallaciis* atribuído a Tomás de Aquino³⁰. A utilização dos *Tractatus* no ensino universitário da lógica remonta provavelmente a Gentil de Cingoli (fl. 1290-1320 ca.), formado em Paris, onde teria seguindo Simão de Faversham no uso de uma versão truncada dos *Tractatus*³¹. Já Kristeller

género dos *sophismata*, na medida em que estão intrinsecamente ligados à organização e prática universitária em Oxford.

²⁸ Por exemplo, as Glosas de Ivrea (I-VI), datadas do séc. XIII^{ex}-XIVⁱⁿ, de que de Rijk editou alguns excertos (de Rijk, «On the Genuine ...», cit., pp. 19-28); sobre o ensino da lógica em Itália anteriormente à entrada dos *Tractatus*, vide A. Tabarroni, «La logica in Italia prima di Pietro Hispano. I *Tractatus* di Storione da Cremona», in L. Bianchi – O. Grassi – C. Panti (cur.), *Edizioni, traduzioni e tradizioni filosofiche (secoli XII-XVI)*, Aracne, Roma 2018, pp. 105-146.

²⁹ Trata-se de um *Super dialecticam Petri Hispani* – cf. *Census*, «Filippus de Ferrara».

³⁰ Cf. A. Maierù, «I commenti bolognesi ai *Tractatus* di Pietro Hispano», in D. BUZZETTI – M. FERRIANI – A. TABARRONI (eds.), *L'insegnamento della Logica a Bologna nel XIV secolo*, Istituto per la storia dell'Università di Bologna, Bologna 1992, pp. 497 e 499-500; os Estatutos florentinos de 1387 definem um programa de lógica muito próximo do dos estatutos de Bolonha, de data posterior, referindo explicitamente a «consuetudo bononiense». Também por isso, de acordo com Maierù, será legítimo admitir textos obedecendo a uma «tradizione dottrinale bolognese che non siano stati però prodotti a Bologna, ma che siano invece frutto di corsi impartiti altrove da maestri di formazione bolognese»; o mesmo se verifica no que diz respeito especificamente ao ensino da medicina – cf. T. Duranti, «The Origins of the Studium of Medicine of Bologna: a *status quaestionis*», *CIAN – Revista de Historia de las Universidades* 21.1 (2018) 121-49.

³¹ Maierù, «I commenti», cit., pp. 497-98. À exceção do comentário de Tiago de Piacenza, que

havia considerado Gentile de Cingoli como o primeiro testemunho do influxo de Paris sobre os aristotélicos de Bolonha³², mestre de Ângelo de Arezzo, tido por um dos primeiros averroístas italianos do séc XIV³³. Médico, mestre de lógica e de filosofia natural, introdutor da gramática especulativa no *curriculum studiorum* da universidade de Bolonha, onde terá começado a ensinar lógica provavelmente pouco antes de 1295³⁴, Gentile terá também ele composto um comentário, hoje perdido, aos *Tractatus* I-V³⁵.

Os comentários bolonheses são essenciais para compreender a recepção em Itália das doutrinas lógicas debatidas em Paris e em Oxford³⁶. Que a intersecção entre lógica, semântica e filosofia natural, iniciada na literatura de sofismas de Heytesbury e outros *calculatores*³⁷, responda, sobretudo na sua extensão italiana, a preocupações científicas, mais do que pedagógicas, colhe hoje o consenso entre os historiadores. Isso é particularmente evidente, por exemplo, nas caracterizações da noção de *intensio* e na necessidade de verificação e *probatio* das afirmações contra-intuitivas (*sophismata physicalia*) produzidas pela análise do movimento. Entre o fim do século XIV e o início do XV Itália, e Bolonha em particular, torna-se o epicentro das discussões de filosofia natural; e já no final do

comenta também o sexto tratado, todos os comentários aí elencados por Maierù se limitam a I-V.

- ³² Kristeller, «Humanism and Scholasticism in the Italian Renaissance», in H. Bloom (ed.), *The Italian Renaissance*, Oxford 2004, p. 146, n. 66.
- ³³ M. Grabmann, *Der Bologneser Averroist Angelo d'Arezzo*, Mittelalterliches Geistesleben, II, München, 1926, pp. 261-71; as suas duas *quaestiones* sobre a *species intelligibilis* conservadas num ms. do Vaticano estão editadas por A. Robert, «Noétique et théorie de la connaissance chez Angelo d'Arezzo. Edition de deux questions du ms. Vat. lat. 6768», *Mediaevalia Philosophica Polonorum* 37,3 (2008) 95-167. Sobre o averroísmo de Bolonha, permanecem incontornáveis os trabalhos de A. Maier, «Die bologneser Philosophen des 14. Jahrhunderts», in *Ausgehendes Mittelalter*, II, Roma 1967, e de Z. Kuksewic, *Averroïsme bolonais au XIVe siècle. Edition de textes*, Wrocław – Varsovia – Cracovia 1965, que, entre outros, edita textos de Tiago de Piacenza e de Mateus de Gubbio, activo em Bolonha entre 1321 e 1347.
- ³⁴ C. Marmo, «Gentile da Cingoli e il suo ambiente» in M. Crisciani – R. Lambertini – R. M. Vico (cur.), *Parva naturalia: saperi medieval, natura e vita*, Pisa-Roma 2004, p. 20.
- ³⁵ Maierù, «I commenti», cit., pp. 497-498.
- ³⁶ St. Read, «Logic in the Latin West in the Fourteenth Century», in C. Dutilh-Novaes – St. Read (ed.), *Medieval Logic*, cit., pp. 142-165.
- ³⁷ Sobre os desenvolvimentos em matéria de lógica modal remontando pelo menos a Heytesbury, de que as *obligationes* são uma expressão privilegiada, ver M. Yrjönsuuri, «*Obligationes, Sophismata and Oxford Calculators*», in S. Knuuttila – R. Työriñoja – S. Ebbesen (ed.), *Knowledge and the Sciences in Medieval Philosophy: Proceedings of the Eight International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.)*, II, Yliopistopaino, Helsinki 1990, pp. 645-54; sobre o período seminal da lógica epistémica representado por Kilvington e Heytesbury, cf. I. Boh, *Epistemic Logic in the Later Middle Ages*, Routledge, London – New York 1993, pp. 62-77.

século XIV uma série de mestres discute temas relativos ao movimento, à velocidade e à remissão e intensão das formas³⁸.

A partir do século XIV, com efeito, a análise proposicional ganha uma importância central na discussão sobre a consequência lógica, sua natureza e suas regras de validade. A emergência, em Inglaterra, dos primeiros desenvolvimentos autónomos sob a forma de tratados especificamente intitulados *de consequentiis*³⁹, concorre, na tradição comentarística dos *Tractatus*, com a retomada em consideração da caracterização de Pedro Hispano das proposições categóricas e hipotéticas (caracterização na qual assentarão os desenvolvimentos sobre a implicação que encontramos na *Pequena lógica* de Paulo de Veneza e em João Mair)⁴⁰.

Quase todos inéditos⁴¹, os comentários examinados por Maierù no estudo citado, ainda hoje incontornável, são todos eles provenientes, se não de Bolonha, pelo menos da região padana⁴², sugerindo, por outro lado, uma relação privilegiada com os meios averroístas e naturalistas da região da Emília-Romagna da qual está quase tudo ainda por estudar.

Para além de uma *Expositio* anónima, contam-se entre eles a *Expositio* de Chelino de Bologna, *Tract.* I-V⁴³, seguido do comentário ao *De fallaciis* atribuído a Tomás de Aquino; umas *Expositiones* I-V, atribuídas a Tomás de Cremona, talvez um mestre contemporâneo de Tiago de Piacenza e anteriores a 1323⁴⁴, seguida igualmente de um comentário (incompleto) ao *De fallaciis*; um comentário da autoria provável de Tiago de Piacenza, mestre de lógica e de filosofia em Bolonha entre 1341-1348, representante do aristotelismo radical, no qual se lêem referências ao comentário de Chelino⁴⁵; também próximo do comentário de Chelino está o de Antonio Scarperia (ca. 1359/52-1433), estudante em Bolonha e mestre em

³⁸ D. Buzzetti, «Intensione delle forme e strutture linguistiche negli scritti bolognesi di filosofia naturale del secolo XIV», *Medioevo* 29 (2004) 134-36; ver também F. Bottin, «The Mertonian's Metalinguistic Sciences and the *Insolubilia*», in Lewry, *The Rise*, cit., pp. 235-248.

³⁹ Cf. Read, «Logic in the Latin West», cit., em especial pp. 143-53.

⁴⁰ Lagerlund, «Trends in Logic», cit., pp. 104 e 114.

⁴¹ A exceção é o comentário de Blásio de Parma, editado por J. Biard – G. F. Vescovini, *Blaise de Parme. Questiones super Tractatus logice Magistri Petri Hispani*, Vrin, Paris 2001 (para além dos excertos de comentários editados por Maierù).

⁴² *Vide* n. 31.

⁴³ A. Maierù, «Four Programs of Logic at Bologna in the Fourteenth Century and Ms Antonianus 391», in *University Training in Medieval Europe*, Brill, Leiden-Boston 1993, p.100, n. 30.

⁴⁴ Maierù, «I commenti», cit., p. 502.

⁴⁵ Maierù, «I commenti», cit., p. 502 e Id., «Four Programs of Logic», cit., pp. 93-115; *Census*, «Chelino de Bolonha».

Florença, Bolonha e Perugia entre (1374 e 1387), autor de obras e comentários médicos⁴⁶. O mesmo manuscrito de Londres que contém o comentário de Antonio de Scarperia contém ainda o comentário de Tiago de Udine, mestre de lógica em Bolonha em 1370-1371⁴⁷ (e, registre-se, também os *Sophismata* de Heytesbury)⁴⁸. Enfim, o único dos comentários bolonheses composto por questões, as *Quaestiones super Tractatus* (I-V) de Blásio de Parma (c.1347-1416), consiste em 68 questões disputadas, e teve provavelmente origem no seu ensino de lógica em Bolonha (1378-80) e talvez também em Pavia e Pádua, entre os anos 1377-1382.

Blásio é o mais bem estudado dos comentadores italianos do séc. XIV, e o seu comentário tem sido apontado como testemunho da discussão sobre os tópicos e as teorias das condicionais sediada nos *Tractatus*, em particular na secção onde trata dos paradoxos da implicação (*Tract. IV – De sillogismis*)⁴⁹. À influência de Buridano e dos seus discípulos, assim como de Pedro d’Ailly⁵⁰, acresce a influência das doutrinas lógicas inglesas, particularmente explícita no que diz respeito à teoria da significação (exposta justamente nas suas *Quaestiones*⁵¹), e à teoria da proposição, particularmente das condicionais, cuja definição segue quase literalmente a de *consequentia bona* de Strode, revelando assim a orientação epistémica dos critérios de validade da consequência⁵².

Enfim, cumpre mencionar, porque de possível proveniência italiana e testemunho da comunicação textual entre a tradição italiana e a importante tradição comentarística desenvolvida a leste, o comentário anónimo *Circa principia*, I-III, em forma de *quaestiones*, conservado num manuscrito de Cracóvia datado de 1350.

⁴⁶ A. Maierù, «Antonio de Scarperia’s Commentary on Peter of Spain’s *Tractatus*», in Angelelli – Pérez-Ilzarbe, *Medieval and Renaissance Logic in Spain*, cit., pp. 153-156, onde edita excerto do comentário ao *Tract. I; Census*, “Antonio de Scarperia”.

⁴⁷ Maierù, «Four Programs of Logic», cit., pp. 499 e sq.; *Census, Census*, “Tiago de Udine”.

⁴⁸ *BMPH*, n.º 517.

⁴⁹ D. Buzzetti, «Blasius Pelacani, the Paradoxes of Implication and the Notion of Logical Consequence» in Angelelli – Pérez-Ilzarbe (dir.), *Medieval and Renaissance Logic in Spain*, cit., p. 104.

⁵⁰ G. Vescovini, «Le questioni dialettiche di Biagio Pelacani da Parma sopra i trattati di logica di Pietro Hispano», *Medioevo* 2 (1976) 253-287, em especial 253; Maierù, «I commenti», cit., pp. 504-505; *Census*, «Blasius Pelacani».

⁵¹ Cf. J. Biard, «Blaise de Parme et la théorie de la signification: *doctor parisinus?*», in G. Marchetti – O. Rignani – V. Sorge (ed.), *Ratio et superstitio: Essays in Honor of Graziella Federici Vescovini*, Louvain-la-Neuve 2003, pp. 221-242.

⁵² Maierù, «I commenti», cit., p. 538; Buzzetti, «Blasius Pelacani, the Paradoxes», cit., p. 112-116; Boh, *Epistemic Logic*, cit., p. 91.

Pinbord, que o editou, descreve-o como anti-modista, composto de questões de origem italiana ou alemã, próximo das doutrinas de João de Jandum e pertencendo talvez ao círculo de Aurifaber (ca. 1295-1333), averroísta a ensinar em Erfurt nos anos 30 (e que entrou na polémica anti-modista, tendo composto um tratado contra os *modi significandi*)⁵³; segundo Kuksewicz, o *Circa principia* seria o único comentário da recolha que, por razões de conteúdo, não trairia influência averroísta, num manuscrito de resto em tudo próximo do círculo de Mateus de Gubbio, mestre de lógica e de filosofia natural em Bolonha entre 1337-47, figura central da escola averroísta de Bolonha e em quem convergem influências de Paris e de Oxford⁵⁴.

O *Circa principia* é importante também porque, ao estabelecer a ponte com Cracóvia (cujos contactos estreitos com Colónia explicam, por outro lado, a propagação das divergências entre tomistas e albertistas⁵⁵), insinua a dúvida de saber onde melhor situar o comentário de João de Glogóvia (1445-1507). Para além do seu *Exercitium super omnes tractatus parvorum logicalium M. Petri Hispani*, conservam-se também as suas *Quaestiones* sobre o primeiro e quarto dos *Tractatus*, ainda inéditas. Tomista, professor da universidade de Cracóvia, importante centro astronómico da época, Glogóvia foi um defensor do modelo ptolomaico contra as críticas averroístas e tem sido apontada a sua influência sobre o seu aluno mais célebre, Nicolau Copérnico (sobretudo na sua primeira obra, conhecida como *Commentariolus*)⁵⁶.

3. Buridano e a tradição nominalista

É, contudo, Buridano, reitor da Universidade de Paris em 1328, o seu mais

⁵³ J. Pinborg, «Anonymi Quaestiones in Tractatus Petri Hispani I-III traditae in codice Cracoviensi 742 (anno fere 1350)», *CIMAGL* 41 (1982) 1-170; *Census*, «Circa principia».

⁵⁴ Lohr, «Medieval Latin Aristotle», cit., p. 251; Z. Kuksewicz, *Averroïsme bolonais au XIV^e siècle: éditions de textes*, Wrótklaw – Varsovie – Cracovie 1965, pp. 217-316.

⁵⁵ Kuksewicz, Z., «Le prolongement des polémiques entre les albertistes et les thomistes vu à travers le commentaire du *De anima* de Jean de Glogow», *Archiv für Geschichte der Philosophie* 44.2 (1962) 151-171.

⁵⁶ E. D. Sylla, «The Status of Astronomy as a Science in Fifteenth-Century Cracow: Ibn al-Haytham, Peurbach and Copernicus», in R. Feldhay – F. J. Ragep (ed.), *Before Copernicus: the Cultures and Contexts of Scientific Learning in the Fifteenth Century*, de Gruyter, Berlin 2017, pp. 45-78; A. Goddu, *Copernicus and the Aristotelian Tradition*, Brill, Leiden – Boston 2010, esp. pp. 275-324; P. Barker, «John of Glogów», in M. Valleriani (ed.), *De sphaera of Johannes de Sacrobosco in the Early Modern Period. The authors of the Commentaries*, Springer, New York 2020, esp. pp. 140-145.

ilustre comentador, que determina a fortuna tardo-medieval dos *Tractatus*, desde logo pela sua institucionalização na Universidade de Paris (quando, até então, eram ensinados sobretudo a nível pré-universitário)⁵⁷. Assim como será a Buridano, e aos seus seguidores, que remonta um certo favor que o texto mereceu nos meios nominalistas do séc. XV⁵⁸ e que, através do grande disseminador da obra de Buridano, Marsílio de Inghen, por um lado, e dos comentários de João Dorp e de João Mair, por outro, ligará Paris a outro centro importante do nominalismo lógico – e teológico – do séc. XVI, Erfurt, nomeadamente através de Iodocus Truttveter († 1519), professor de Lutero e também ele comentador do texto de Pedro Hispano⁵⁹. Mestre de artes e teologia em Erfurt, Truttveter foi discípulo do ockhamista e importante teólogo Gabrel Biel (fundador da universidade de Tübingen em 1484 e também ele comentador dos *Tractatus*, I-IV), cuja orientação prolongou em Erfurt.

Mais do que um comentário, as monumentais *Summulae de dialectica* (ou *Summa logicae*) de Buridano⁶⁰ são uma reelaboração dos conteúdos lógicos dos *Tractatus*, para as quais o texto de Pedro Hispano é tomado como pretexto (ou como ponto de referência). As *Summulae* tiveram uma extraordinária difusão⁶¹, e inauguraram o modelo do comentário-reelaboração das matérias lógicas dos *Tractatus*, praticado daí em diante por muitos seguidores de Buridano e não só. Este modelo propagou-se pelas novas universidades fundadas, a partir do século XIV, um pouco por toda a Europa, com uma florescência particular nas universidades da região germânica e da Europa central, Praga e Cracóvia em particular. No final da Idade Média e no início da modernidade, os *Tractatus* parecem ter adquirido um estatuto semelhante ao dos próprios textos de

⁵⁷ Cf. Brumberg-Chaumont, «L'enseignement de la logique», cit.

⁵⁸ J. Biard, «Nominalism in the Later Middle Ages», in R. Pasnau, *The Cambridge History of Mediaeval Philosophy*, vol. 2, Cambridge 2010, p. 663.

⁵⁹ Simo Knuuttila, «Trutfetter, Usingen and Erfurtian Ochamism» in Aertsen – A. Speer (Hrg.), *Was ist Philosophie im Mittelalter? Qu'est-ce que la philosophie au Moyen Age? What is Philosophy in the Middle Ages? Akten des X: Internationaler Kongress für mittelalterliche Philosophie der Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*, 25. bis 30. 1997 in Erfurt, Walter de Gruyter, Berlin 1998, pp. 818-823; sobre o lugar da lógica aristotélica no círculo de Lutero, cf. Id., “Logic, Rhetoric and Method: Rejections of Aristotle and the Ramist Affair(s)”, in Lagerlund – Hill (ed.), *Sixteenth-Century Philosophy*, cit., pp. 253-255.

⁶⁰ Cf. J. Buridan, *Summulae de dialectica*. An annotated translation, with a philosophical introduction by G. Klima, Yale University Press, Yale 2001.

⁶¹ Contam-se pelo menos em 22 dos manuscritos elencados na *BMPH*, dos quais 12 conservados em região germânica, incluindo Cracóvia e Praga.

Aristóteles: lugares de reflexão e de reelaboração de conteúdos e de problemas lógicos específicos, para os quais o texto funciona sobretudo como motivo – e daí também o grande interesse de que se reveste o estudo desta tradição para a nossa compreensão do desenvolvimento da lógica tardo-medieval e primo-renascentista. De maneira que, no século XV, se afirma (como Tartareto, Vensor e outros nos seus comentários) que quem conhece os *Tractatus* conhece Aristóteles, e até que Pedro Hispano explica melhor ainda do que Aristóteles, a «lógica natural»⁶². Acresce que a composição de novos comentários parece ter sido uma prática comum no processo de formação destas novas universidades⁶³. Isso ajuda a compreender o elevadíssimo número de comentários de origem germânica, na maioria anónimos, datados de finais do séc. XIV e do séc. XV e, a partir de certa altura, a sua sobreposição formando comentários de autoria colectiva, resultado das abordagens sucessivas dos mestres⁶⁴.

Composto cerca de 1393, o *Perutile compendium totius logicae Johannes Buridani* de João Dorp mostra a confluência em Paris da tradição lógica britânica, representada pelos seguidores de Alberto da Saxónia, e da tradição continental, representada por Buridano, nomeadamente através de Marsílio de Inghen e Pedro d'Ailly⁶⁵, e contém na realidade muito pouco texto de Buridano, consistindo sobretudo no comentário de João Dorp ao próprio texto de Pedro Hispano⁶⁶. Foi do

⁶² Cf. M. J. F. M. Hoenen, «From Natural Thinking to Scientific Reasoning», *Bulletin de philosophie médiévale* 52 (2010) 87, aponta, por exemplo, como os comentários aos *Tractatus* ofereciam o espaço de discussão de questões ausentes do texto de Pedro Hispano tais como a da *logica naturalis, logica artificialis*: é o caso do comentário aos *Tractatus* erradamente atribuído a Marsílio de Inghen, bem como do comentário de Jorge de Bruxelas (*ivi*, 96-97); vide também J. Biard, «The Place of Aristotle's *Topics*: Some Examples in the 15th Century», in *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, 4 (2016) 855-856.

⁶³ É o que sugere o exemplo de João Eckius, professor em Friburgo, a quem os duques da Bavária pediram, em 1510, para a nova Universidade de Ingolstadt (que acabou por ser mudada para Munique), para produzir para a Faculdade das Artes um conjunto de comentários a Aristóteles – e à lógica de Pedro Hispano, considerada então «the archetype of logical studies» – cf. S. Read, «Thomas of Cleves and Collected *Suppositio*», *Vivarium* 29,1 (1991) 56.

⁶⁴ Como é por exemplo o caso em muitos dos comentários da *Bursa montana* (tomista) de Colónia, e especialmente dos anónimos *Copulata omnium Tractatum Petri Hispani* – cf. M. J. F. M. Hoenen, «From Natural Thinking», cit., pp. 11-12 e Id., «Am Ende der Künste? Zum Begriff der artes liberales in der Spätscholastik» in Meirinhos – Weijers (ed.), *Florilegium mediaevale: Études offertes à Jacqueline Hamesse à l'occasion de son éméritat*, Louvain-la-Neuve 2009, p. 327.

⁶⁵ S. Read, «Logic in the Latin West in the Fourteenth Century», in C. Dutilh-Novaes – St. Read (ed.), *Medieval Logic*, cit., pp. 159-160.

⁶⁶ S. Read, «Introduction» a J. Buridan, *Treatise on Consequences*, ed. S. Read – H. Hubien, New

comentário de Dorp que o importante teólogo e filósofo escocês João Mair, que ensinou em Paris entre 1505-1517, representante do nominalismo parisiense⁶⁷, preparou uma edição anotada (acrescentando às *Summulae* o *Liber Posteriorum* de Aristóteles, comentário no qual desenvolve uma série de considerações sobre o silogismo, a demonstração e as regras de inferência, sobretudo nos caso de *dubia*⁶⁸). John Mair foi aluno de duas importantes figuras do nominalismo parisiense, Jorge de Bruxelas (ca. 1450-1510) e Tomás Bricot († 1516), que fez das *Summulae* de Buridano a base do seu ensino da lógica.

Jorge de Bruxelas, autor, em 1489, de um dos comentários mais difundidos nos séculos XV e XVI – a par do de Versor e do de Tartareto – teve como discípulos, entre outros, o também comentador Pedro Crockaert (1465/70-1514), mais tarde convertido ao tomismo e mestre, por sua vez, do comentador João de Celaya (1490-1558, professor de filosofia em Paris e depois de teologia em Valência, de cuja universidade foi reitor) e de Domingo de Soto (1494-156)⁶⁹.

Foi, porém, Marsílio de Inghen, mestre em Paris entre 1362-78 e primeiro reitor da recém-fundada Universidade de Heidelberg entre 1386-1396, o grande disseminador da obra de Buridano nas universidades da Europa do Norte e provavelmente também em Itália⁷⁰. Marsílio de Inghen compôs ele próprio os seus *parva logicalia*, que acompanham muitas vezes os *Tractatus* nos manuscritos, quando não os substituem, como terá sido o caso nos primeiros anos de ensino da Faculdade de artes de Friburgo⁷¹. Se, como sugere Hoenen, foi o pendor realista

York 2015, p. 13; é interessante notar que, dos oito manuscritos que conservam este comentário, dois estão conservados em Erfurt, dois outros em Cracóvia, e apenas dois em bibliotecas exteriores à região germânica, precisamente em Siena e Turim: *BMPH* nos 129, 135, 264, 265, 679, 702.

⁶⁷ Embora a sua posição na *Wegestreit* seja hoje matéria de debate entre os estudiosos, Mair declara ele próprio usar os princípios dos *Nominales*, embora, como observa Normore, não figure na lista de *doctores renovatores* (frequentemente identificados com os *Nominales*) proscritos pelo édito de Luís XI de 1473: cf. Normore, «Nominalism», in H. Lagerlund – B. Hill (ed.), *Sixteenth-Century Philosophy*, cit., pp. 123-127.

⁶⁸ Cf. M. Hanke, «Epistemic Sophisms, *Calculatores* and John Mair's Circle», *Noctua* 9.3 (2022) espec. pp. 106-108.

⁶⁹ Ashworth, *Language and Logic*, cit., pp. 2-7.

⁷⁰ Ch. Lohr, «Medieval Latin Aristotle Commentaries, authors: Johannes de Kanthi – Myngodus», *Traditio* 27 (1971) 251.

⁷¹ Cf. P. Bos, *Marsilius of Inghen, Treatises on the Properties of Terms*, Leiden 1980; M. J. Hönen, «Philosophie und Theologie im 15. Jahrhundert. Die Universität Freiburg und der Wegestreit», em D. Mertens – H. Smolinski (eds.), *Von der hohen Schule zur Universität der Neuzeit*, Herder, Freiburg 1980, pp. 67-91.

da teoria da suposição e dos *parva logicalia* dos *Tractatus* que levou Marsílio a compor os seus próprios *parva logicalia*, teríamos então aí um contratestemunho à tese da neutralidade ontológica dos *Tractatus*, defendida por autores da época⁷² e ainda nos nossos dias por alguns especialistas da filosofia da lógica medieval⁷³. A teoria da suposição de Pedro Hispano representa um dos mais fecundos contributos dos *Tractatus* ao desenvolvimento da lógica medieval⁷⁴ e é o ponto de partida da teoria da suposição de Buridano – que rejeita, no entanto, a suposição natural de Pedro Hispano, marcadamente realista⁷⁵. Essa poderia igualmente ser uma razão – interna, portanto, à própria tradição terminista e talvez mesmo em seu reforço – para restringir o ensino e discussão dos *Tractatus* a I-V. Seria interessante examinar até que ponto são representativos e relevantes os muitos manuscritos dos séculos XV e XVI que, sobretudo nas bibliotecas germânicas, de Praga ou de Cracóvia, contêm os *Tractatus*, ou partes (e, a partir do séc. XV, cada vez mais apenas *Tractatus* I, por vezes apenas a secção *De modalibus*), os *parva naturalia* de Marsílio de Inghen e tratados ou excertos *De consequentiis* e/ou *De suppositionibus* (frequentemente os de Tomás de Maulevelt), ou o *Speculum puerorum* de Ricardo Billingham⁷⁶.

A importância da tradição comentarística de uma maneira ou de outra associada com o nominalismo medieval não nos deve, porém, fazer perder de vista toda a restante tradição de comentário – e talvez menos ainda o ecletismo que começa a tornar-se característico da época e que afecta tanto as fronteiras entre nominalismo e realismo, como as fronteiras entre tomismo e albertismo.

Sem entrar aqui na densíssima transmissão comentarística dos *Tractatus* nas universidades germânicas, importa apontar o número considerável de comentários do círculo de Colónia. Como observa M. Hoenen, albertistas e tomistas inte-

⁷² Hoenen, «Philosophie und Theologie», cit., p. 71.

⁷³ G. Klima, «Two *Summulae*, Two Ways of Doing Logic: Peter of Spain's 'Realism' and John Buridan's 'Nominalism'», in M. Cameron e J. Marenbon (ed.), *Methods and Methodologies. Aristotelian Logic East and West, 500-1500*, Brill, Leiden-Köln 2011, p. 111; ver também J. Spruyt, «The Realism of Peter of Spain», *Medioevo* 36 (2011) 89-111.

⁷⁴ Cf. T. Parsons, «The Developpement of Supposition Theory in the Later 12th Through 14th Centuries», in D. M. Gabbay – J. Woods (ed.), *Handbook of the History of Logic, vol. 2, Medieval and Renaissance Logic*, Elsevier, Amsterdam 2008, pp. 168-287.

⁷⁵ *Tractatus*, VI, 4, 81: «Suppositio naturalis est acceptio termini communis pro omnibus a quibus aptus est participari, ut 'homo' per se sumptos de natura sua supponit pro omnibus hominibus qui fuerunt et qui sunt et qui erunt».

⁷⁶ E muitas vezes acompanhados pelo comentário de Pedro de Pulka, I-V, cf. *BMPH* n^{os} 242 e 240, 273, etc.

ressaram-se especialmente pelo aspecto fundacional da lógica (que se exprime na própria definição de dialéctica com que Pedro Hispano abre os *Tractatus*) e pela questão de saber se seria uma *ars* (*ars artium*) ou uma *scientia* (*scientia scientiarum*), como na versão expandida, comum em muitos manuscritos, da definição de *dialectica*⁷⁷. O mesmo interesse é patente no comentário mais difundido da época, o de João Versor (1435-1482), mestre de artes na Universidade de Paris, figura enigmática entre tomismo e albertismo⁷⁸, que contou com 23 edições impressas numa área geográfica que ia de Colónia a Lyon, Basileia, Nuremberga, Hagenau, Sevilha e Mantua⁷⁹. Igualmente dividido, mas entre escotismo e o nominalismo de Buridano e de Alberto da Saxónia, Pedro Tartareto († 1522), filósofo e teólogo na universidade de Paris, compôs em 1499 um comentário cujo título merece por si apontamento: *Commentarii in magistrum Petrum Hispanum cum tractatibus consequentiarum et sophismatum insertis et tractatibus insolubiliis et de descensu ... et insuper tractatus obligatorium*.

3. O longo século XV

O longo século XV, recobre grande parte da tradição buridaniana que acabámos de traçar e, com um pico no seu final, prolonga-se na verdade até ao início do séc. XVI, com uma vasta declinação de diferentes leituras do aristotelismo e o despontar das reacções, talvez mais anti-escolásticas do que anti-aristotélicas, representadas pelos movimentos humanistas e pelo círculo luterano (especialmente em torno de Truttvetter). A difusão dos *Tractatus* distingue-se até mesmo na profusão de publicações lógicas do período: 160 edições identificadas, muitas delas acompanhadas de comentário⁸⁰.

Neste contexto, a possibilidade de se falar de uma continuidade doutrinal entre o nominalismo do séc. XIV e a *via moderna* do séc. XV continua a ser matéria controversa entre os especialistas. A favor de uma leitura continuísta – sobretudo no que diz respeito à relação com o terminismo⁸¹ – a carta de 1474 de um grupo

⁷⁷ Pedro Hispano, *Tractatus*, I,1; Hoenen, «Am Ende der Künste?», cit., pp. 335 sq.

⁷⁸ Cf. P. Rutten, *Secundum processum et mentem Versoris: John Versor and his Relation to the Schools of Thought Reconsidered*, *Vivarium* 43,2 (2005) 292-336.

⁷⁹ Ashworth, *Language and Logic*, cit., p. 2.

⁸⁰ Knuuttila, «Logic, Rhetoric and Method: Rejections», cit., pp. 248-249.

⁸¹ Cf. M. J.-C. Crimi, *Destroying the Modes of Signifying. Anti-Modism in Late Medieval Philosophy of Language*, PhD. Diss. Univ. of California, Los Angeles 2020, p. 14 e sq.; de Rijk, «Semantics and Ontology. An Assessment of Medieval Terminism», in Bos (ed.), *Medieval Supposition Theory Revisited*, cit., pp.13-59.

de mestres nominalistas em resposta ao édito do Rei Luís XI em que, começando por proclamar que a diferença fundamental entre realistas e nominalistas reside em questões de lógica e de semântica, declaram de que «os nominalistas se aplicam a estudar todas as propriedades dos termos, e que os realistas negligenciam e desprezam essas coisas»⁸². Mas as fronteiras são porosas e, considerando as figuras singulares dos nominalistas auto-proclamados ou identificados como tal no conjunto da sua obra, muitas questões se colocam numa época dominada em grande parte pelo ecletismo e por importantes reconfigurações lógico-teológicas (nas quais se destacam as querelas plurisseculares sobre o problema dos futuros contingentes, do determinismo e do livre-arbítrio, no contexto de emergência do luteranismo).

Tem vindo a impor-se, no âmbito da reavaliação do lugar e importância de Aristóteles na evolução do pensamento filosófico e científico na Idade Média tardia e do início da Modernidade, a perspectiva segundo a qual os debates entre as escolas assentavam essencialmente em interpretações diferentes de Aristóteles, compreendendo a *via moderna* os seguidores de Buridano e de Marsílio de Inghen na medida, sobretudo, em que se desviavam das interpretações tradicionais de Aquinas e de Alberto Magno. Permanece, contudo, por explorar até que ponto as eventuais divergências com expressão precisamente no domínio extra-aristotélico por excelência da lógica medieval – isto é, a teoria das consequências e a subsumção da silogística aristotélica – separavam as águas entre abordagens diversas pelas respectivas implicações em matéria de filosofia natural (de ordem crescentemente epistemológica, relativa à teoria da prova e da demonstração) e de teologia. Mais geralmente, a inferência, modal e tópica, nas suas relações com a teoria do silogismo – e os desenvolvimentos que conheceu desde o século XIV no âmbito da teoria da consequência – constituiu sem dúvida um motivo de eleição do regresso ininterrupto a Pedro Hispano até ao início do séc. XVI e um denominador comum dos desenvolvimentos em matéria de teologia e de filosofia natural da época.

Assim, a divergência de perspectivas acerca da natureza e estatuto da lógica que se exprimem, por exemplo, no debate sobre a *logica naturalis / artificialis* estudado por M. Hoenen, recobre e exprime uma série de clivagens epistemológicas e teológicas (nem sempre facilmente conciliáveis) em que o compromisso ontológico não é irrelevante. Sabemos que a aceitação da regra *ex impossibili quodlibet* representava uma linha de demarcação na *Wegestreit*: recusada pelos

⁸² Normore, «Nominalism», cit., p.124.

realistas (como já por Pedro Hispano⁸³), aceite pelos nominalistas. No mesmo sentido pode ser entendida uma das críticas mais repetidas contra os *nominales*: a de que negavam a possibilidade de uma ciência verdadeira, uma vez que apenas admitiam aos universais uma existência mental ou linguística, e não real: não poderia, portanto, haver uma ciência fundamentada e universal⁸⁴. O compromisso ontológico é também claramente relevante nas discussões sobre natureza da consequência lógica e sobre a suposição (no âmbito do que hoje designaríamos por uma teoria da verdade), em particular sobre a suposição natural admitida por Pedro Hispano, e sobre a qual assenta, em última instância, a sua distinção entre *causa essendi* e *causa consequendi*⁸⁵. A revivescência da discussão sobre a suposição, no séc. XV, é-nos reportada pelos *disputata suppositionis* transmitidos pelos manuscritos, muitas vezes em complemento ou confronto com os *Tractatus* ou seus comentários⁸⁶. E Eckius por seu turno, refere especificamente, no seu comentário aos *Tractatus*, as posições divergentes acerca da suposição colectiva, que umas escolas (nas figuras de Ockham, Buridano, Marsílio de Inghen, Tomás de Maulfelt, Jorge de Bruxelas e muitos outros) teriam rejeitado, ao passo que as escolas de Viena e de Erfurt a teriam admitido⁸⁷.

Desde Buridano, autor do primeiro *De consequentiis* continental (que, aliás, acompanha os *Tractatus* num bom número de manuscritos), um número importante de autores-comentadores da época de Truttvetter compuseram também tratados sobre as consequências ou sobre as *obligationes*. Essa literatura lógica aponta para o lugar central das discussões sobre a inferência e seus critérios de validade (formal ou de contenção)⁸⁸, e sobretudo da inferência modal; com ela converge a forte tradição de comentário da doutrina da proposição de Pedro Hispano, atestada pelos manuscritos, que, da caracterização tripartida da «matéria da proposi-

⁸³ Essa discussão ocorre em Pedro Hispano, *Syncategoreumta*, V, 1, 196, no âmbito da análise do sincategorema «*si*», tratando dos tipos de consequência e da conversão das modais.

⁸⁴ Cf. Hoenen, «From Natural Thinking», cit., p. 86, n. 20, referindo-se ao tratado anónimo *Thesaurus sophismatum circa tractatus parvorum logicalium*.

⁸⁵ Pedro Hispano, *Syncategoreumata*, V, 4, 198.

⁸⁶ Por exemplo, os *Disputata suppositionum* num ms. de Cracóvia datado do séc. XV (*BMPH* nº 265), precedidos dos *Disputata super I-IV Tractatus Summularum logicalium Petri Hispani*. Para as discussões não nominalistas sobre a suposição e as suas intersecções com a tradição de comentário aos *Tractatus*, especificamente na universidade de Salamanca no séc. XV, ver A. d'Ors, «Logic in Salamanca in the Fifteenth Century», in Bos (ed.), *Medieval Supposition Theory Revisited*, cit., pp. 427-463.

⁸⁷ Read, «Thomas of Cleves», cit., p. 56.

⁸⁸ Cf. S. Read, «The Medieval Theory of Consequence», *Synthese* 187,3 (2012) 899-912.

ção» dos *Tractatus* em termos de relação entre predicado e sujeito, explora questões relativas ao alcance existencial das proposições necessárias, por um lado, e questões teológicas como a onipotência de Deus, por outro⁸⁹.

A exploração da tradição comentarística dos *Tractatus* poderá justamente trazer um contributo importante à questão de saber até que ponto essa literatura pertence de maneira privilegiada aos círculos nominalistas (em sentido amplo), e de que modo se deve compreender precisamente a predominância aparente de textos associados à lógica nominalista nos manuscritos de lógica contendo os *Tractatus* ou comentários aos *Tractatus*. Para além de qualquer repartição, ainda que frouxa, entre *nominales* e *reales*, a questão da presciência e do livre-arbítrio terá provavelmente acrescentado ao interesse generalizado pela teoria das consequências e pela modalidade: é o que verificamos por exemplo em Jorge de Bruxelas e no seu discípulo John Mair, cuja teoria das consequências é próxima da de Buridano, e que compôs também ele um tratado importante sobre os futuros contingentes⁹⁰.

Mas, precisamente, John Mair (cuja influência se estendeu a Espanha e Portugal, através de Domingo de Soto nomeadamente), representa já, nas palavras de Normore, «um novo ecletismo», com uma obra lógica de índole nominalista, ao passo que em metafísica e teologia é claramente influenciado por Escoto⁹¹ (como é também o caso de Tartareto). A sua aplicação da abordagem lógica nominalista em matéria de filosofia e teologia, e, diferentemente de Ockham ou de Buridan, a ausência patente de qualquer compromisso epistemológico e ontológico na sua lógica, formou um modelo que se disseminou pelo campo de influência de Mair, e que renova mais uma vez a utilização e reelaboração dos *Tractatus* (a favor dos quais pesa a neutralidade ontológica da secção relativa à *logica vetus*) – muito em particular da secção onde trata do entendimento lógico-gramatical da proposição, à luz da concepção mais ampla da linguagem e das suas categorias na sua articulação com a realidade, das categorias de quantidade e qualidade em particular

⁸⁹ Essa importância da doutrina da proposição e a sua articulação com os *parva logicalia*, silogismos, exponíveis, insolúveis e obrigações é comprovada pelos estatutos de 1538 da Universidade de Salamanca: cf. Ashworth, *Language and Logic*, cit., pp. 7-8 e 66 sq.

⁹⁰ Lagerlund, «Trends in Logic», cit., p. 117; Id., *Modal Syllogistics in the Middle Ages*, Brill, Leiden – Boston 2021, pp. 202-227.

⁹¹ Normore, «Nominalism», cit., p. 127; Ch. J. Martin, «John Mair on Future Contingency», in R. L. Friedman – S. Ebbesen (ed.), *John Buridan and Beyond*, The Royal Danish Academy of Sciences and Letters, Copenhagen 2004, espec. p.185, onde Martin avança a hipótese da influência de Mair na solução compatibilista de Luís de Molina acerca dos futuros contingentes.

e do alcance ontológico do valor de verdade de uma proposição⁹². Teria nascido precisamente daí a controvérsia sobre os futuros contingentes e a presciência divina que abalou Paris e Lovaina na segunda metade do século XV (à qual aludem os signatários nominalistas da carta de 1474) e se prolonga pelo século XVI, visto que, em proposições epistêmicas, postular que a verdade é uma qualidade real parece tornar inescapável uma posição determinista⁹³.

Enfim, o acento nas teorias da proposição e o interesse crescente pela teoria da argumentação e da *inventio* (mais ao sabor ramista⁹⁴), bem como a importância dos tópicos para a lógica das relações⁹⁵, alimentaram ainda um interesse contínuo e crescente pelos *Tópicos*, para cuja reflexão o livro V dos *Tractatus* (que já desde o séc. XIV tinha substituído o *De differentiis topicis* de Boécio⁹⁶), bem como a secção correspondente das *Summulae* de Buridano, constituíram as fontes principais das teorias medievais e tardo-medievais. A este respeito, bastará referir o comentário de Jorge de Bruxelas ao tratado sobre os *Tópicos* dos *Tractatus*, no qual é patente a continuidade da tradição de reflexão sobre crença, necessidade e possibilidade iniciada no século XIV⁹⁷ – e que havia sido retomada pouco tempo antes pelo *De inventione dialectica*, de Rudolfo Agricola (1479) – e da definição de «argumento», de origem boeciana, transmitida nomeadamente por Pedro Hispano. Particularmente relevante, na análise da inferência tópica de Jorge de Bruxelas, é a desontologização (característica dos *nominales* de então), da noção de causa que, de acordo com Pedro Hispano, fundava a inferência tópica, e que, contrariamente ao sumulista, Jorge de Bruxelas considerava como de

⁹² Normore, «Nominalism», cit., pp. 125-26.

⁹³ Normore, «Nominalism», cit., pp. 123 sq.. Sobre a lógica proposicional no séc. XVI-XVII, sobretudo sobre proposições hipotéticas e regras de validade da consequência (nomeadamente da implicação material), cf. J. E. Ashworth, «Theories of the Proposition: Some Early Sixteenth Century Discussions», *Franciscan Studies* 38,1 (1971) 81-121, em particular sobre os três comentaristas dos *Tractatus* que foram Pedro Crockaert, João Mair e Fernando de Enzinas; Crockaert, como Enzinas, aborda a questão da verdade da proposição nos seus comentário a Pedro Hispano; também Ead., «Strict and Material Implication in the Early Sixteenth Century», *Notre-Dame Journal of Formal Logic* 13,4 (1972) 556-560; e Ead., «Propositional Logic in the Sixteenth and early Seventeenth Centuries», *Notre Dame Journal of Formal Logic* 9,2 (1968) 179-192.

⁹⁴ Sobre a reintegração progressiva de Aristóteles no ramismo, veja-se Knuuttila, «Logic, Rhetoric and Method: Rejections», cit., pp. 249-50.

⁹⁵ J. Ashworth, «Some Notes on Syllogistic in the Sixteenth and Seventeenth Centuries», *Notre Dame Journal of Formal Logic* 11,1 (1970) 17-33.

⁹⁶ Ashworth, «Terminist Logic», cit., p. 146.

⁹⁷ Cf. Boh, *Epistemic Logic*, cit., pp. 73-76 e 111-12.

segunda intenção). A tradição cicero-boeciana dos tópicos, veiculada por Pedro Hispano, constitui assim, não sem alguma ironia, o *leitmotiv* que liga a tradição medieval e a nova dialéctica representada por Agricola, o que é particularmente bem ilustrado por Jorge de Bruxelas e ajuda a compreender a grande difusão do seu comentário⁹⁸.

Conclusão

Uma tradição comentarística de tal longevidade e importância justificaria por si mesma um estudo sistemático. Do ponto de vista lógico-filosófico, procurámos sugerir de que modo essa tradição aponta para debates de índole lógica, epistemológica e teológica para os quais a teoria da proposição, a silogística, a lógica modal e a tópica de Pedro Hispano constituíram ora um ponto de partida, ora um ponto de referência, de contributos medievais e primo-modernos relevantes no âmbito do desenvolvimento de teorias tão importantes como a da consequência, nas suas articulações com a tradição aristotélica (da despromoção do silogismo à reabilitação da tópica), por um lado, e com a exigente razão teológica, por outro. Apenas um estudo aprofundado destes comentários e glosas nos permitirá uma melhor compreensão do papel e alcance desta tradição (florescente ainda no séc. XV, período de eclosão de todas as latências) no contexto dos grandes debates em curso, como o foram no início da modernidade, por exemplo, o problema da presciência divina, do determinismo e do livre-arbítrio do homem, que a emergência do luteranismo levou à agudização extrema; e o problema da fundamentação do conhecimento (e com ele a questão da verdade), tanto mais premente quanto, na alvorada da ciência moderna, mais se fazia sentir a necessidade de validação dos raciocínios hipotéticos.

⁹⁸ Biard, «The Place of Aristotle's *Topics*», cit., pp. 855-56.